

Amoresmeus

Capítulo 1: Encantamento - EP

André López
VOZ

Dunia Elias
piano

1 - Estrada do Sol

Antonio Carlos Jobim / Dolores Duran

2 - Canción Del Fuego Fatuo

Gregorio Martinez Sierra / Manuel de Falla

3 - Em Si

Dunia Elias

4 - Malino

André López

5 - Visão Geral

Ruy Maurity / César Costa Filho / Ronaldo Monteiro De Souza

6 - Basta Um Dia

Chico Buarque

Estrada do Sol, de Antonio Carlos Jobim e Dolores Duran - 1959

Gravada por Elis Regina, Gal Costa, Lúcio Alves, Johnny Alf, Agostinho dos Santos, Agnaldo Rayol, entre outros.

"É de manhã/ Vem o sol mais os pingos da chuva que ontem caiu/ Ainda estão a brilhar/
Ainda estão a dançar/ Ao vento alegre que me traz essa canção...

Estrada do sol: com estes versos, Dolores Duran conquistou o maestro soberano e foi sua parceira. Sua primeira parceria com Antonio Carlos Jobim foi: Se é por Falta de Adeus, em 1955, quando Tom estava ainda começando. Vieram outras duas. A mais conhecida é Por Causa de Você, tinha uma letra feita pelo Vinícius que, depois que viu a que Dolores fez, deixou a sua de lado.

Sobre seu modo de compor, Tom Jobim disse:

"Dolores compunha os versos, mas não conhecia música. Entretanto, suas melodias eram sempre as mais belas e se enquadravam perfeitamente às letras, numa harmonia extraordinária.

Depois de escrever os versos, os musicava e guardava as melodias na memória, para mais tarde cantarolá-las, a fim de que o seu parceiro as pudesse escrever".

Apesar de ser cantora de samba-canção, a gente pode ver, no seu jeito de cantar, o prenúncio do canto «cool», o canto bossa-nova, pela ausência de exageros sentimentais. Menos emocional que Maysa, mais que Sylvinha Telles. No entanto, se sua personalidade era irreverente, ela foi uma compositora e cantora que, como poucas, tratou das dores de amor e da solidão.



É de manhã,
vem o sol
Mas os pingos
da chuva
que ontem caiu
Ainda estão a brilhar
Ainda estão a dançar
Ao vento alegre
que me traz
essa canção

Quero que você
me dê a mão

Vamos sair por aí
sem pensar
No que foi que sonhei
Que chorei, que sofri
Pois a nossa manhã
Já me fez esquecer

Me dê a mão
vamos sair
Pra ver o sol

Canción Del Fuego Fatuo, de Manuel De Falla e Gregorio Martinez Sierra - 1915



Pastora Imperio

A obra foi inicialmente uma cigalaria musical, escrita entre dezembro de 1914 e abril de 1915, sob encomenda e em homenagem à Pastora Imperio, na época a mais célebre de todas as dançarinas de flamenco.

O libreto deste balé em um ato, era de G. Martinez Sierra, mas, foi por iniciativa do compositor – que ouvira a mãe da dançarina, Rosario la Mejorana, interpretar antigas árias ciganas – que o argumento foi desenvolvido e passou a incluir três canções intercaladas na ação.

A primeira representação deu-se em 5 de abril de 1915 no Teatro Lara de Madrid: um fracasso total.

A obra deveria se impor na cena somente em 1928, em Paris, com uma outra grande dançarina de flamenco, a Argentina.

Todavia, sob forma de suíte de orquestra (e com algumas modificações em relação à partitura anterior), El Amor Brujo devia conhecer uma nova glória: a primeira audição desta versão sinfônica aconteceu em 28 de março de 1916, com a Orquestra Filarmônica de Madrid, regida por Bartolome Perez Casas.

A Dança Ritual do Fogo, se tornará, rapidamente, o movimento mais célebre.

O elemento melódico vocal é sempre apresentado com ricas ornamentações, inspiradas no canto jondo da Andaluzia.

A ação do ballet se desenrola entre ciganos da Andaluzia, numa atmosfera de superstições e de bruxarias.

O libreto tem como pretexto a lenda do amante morto cujo espectro surge cada vez que um outro tenta ocupar o seu lugar.

A cigana Candelas, que ama o jovem Carmelo, consegue desviar a atenção ciumenta do fantasma para uma outra jovem que está disposta a ajudá-la; Candelas e Carmelo podem enfim trocar o primeiro beijo de amor, que romperá definitivamente o encanto maléfico. A suíte de orquestra evoca os episódios sucessivos desta ação em 13 movimentos.



-Lo mismo que er fuego fátuo,
Lo mismito es er queré.

Lo mismo que er fuego fatuo,
Lo mismito es er queré

Le juyes y te persigue;

Le yamas y echa a corré

Lo mismo que el fuego fatuo,

Lo mismito es el quere

-Nace en las noches de agosto,
quando aprieta la calor

Nace en las noches de agosto,
quando aprieta la calor

Va corriendo por los campos

en busca de um corazón

Lo mismo que el fuego fatuo,

Lo mismito es el amor!

-Malhaya los ojos negros

Que le alcanzaron aver!

Malhaya los ojos negros

Que le alcanzaron aver!

Malhaya er corazón triste

Que en su yama quiso arder !

Lo mismo que er fuego fatuo,

Se desvanece er quere

Em Si, de Dunia Elias - 2016

Inédita.

A criação da música “Em Si” pode ser vista como a aplicação de teorias musicais e métodos de ensino do piano, aliado à criatividade da compositora.

De modo particular, ela partiu de uma vivência pessoal para expressar sua sensibilidade e técnica apuradas.

A melodia traz referências da obra de Tom Jobim em sua complexidade musical, com um texto singelo e intimista. Escolhi esta canção para integrar o EP justamente por sua aparente simplicidade.

Em um trecho, a compositora diz:

*“alterada como um frígio no deserto à beira mar”,
fazendo uma licença poética.*

Para um leigo musical, cabe explicar o que significa o “modo frígio”, uma alternância entre tons e semitons numa escala musical ascendente ou descendente.

Aqui, a canção fala de um estado alterado de espírito, em consonância com a música.

Por tudo isso, escolhi cantar esta frase musical numa oitava superior, como recurso interpretativo.

Deixo ao critério de gosto de cada ouvinte apreciar o resultado final.

André López

Amanheceu, aonde estou?
Que horas são?
Não sei onde, não sei quando
Seja a rosa a alvorada
Santa Rosa madrugada
E eu?
Que vi o ontem e já
não sou mais eu
E vejo o hoje e
sou além de mim
Agora sou assim...

*Como pode alguém
descer do avião e ser
o grave som do chão
E fugindo
E se escondendo
Adivinhar o delicado
tom do coração*

Anoiteceu
Agora estou
Como lua e sol
a não se verem mais

Não sei quando
Não sei onde
Nem se o dia vai chegar
de se encontrar e eu
Alterada como um frígio
Do deserto à beira-mar

Refrão

Que não cabe em si
E transborda em mim
Que não cabe em mim
e transborda em si



Malino, de André López - 1980

Inédita.

Eu era um adolescente entrando na maioridade, nos anos 80, quando compus a canção "Malino".

Ouvia as músicas de Chico Buarque de Hollanda, interpretadas por diversas cantoras, mas a minha favorita era Maria Bethânia.

Conhecia o trabalho dela desde quando substituí Nara Leão, no show "Opinião", nos anos 60, cantando de forma teatral e impactante a música "Carcará".

Eu fiz teatro amador, no começo dos anos 80, e me atraía muito a dramaticidade das letras de Chico Buarque, a maneira dele expressar o feminino em suas canções.

A canção "Malino" foi composta baseada nessas mulheres criadas pelo Chico e teatralizadas nas vozes de Bibi Ferreira e Maria Bethânia, entre tantas.

A mulher que expõe sua loucura e seus desejos mais íntimos, sem pejo, que ao mesmo tempo domina e se deixa dominar pelo seu amante, politicamente "incorreta", não se identifica com a mulher do século XXI, mas, particularmente, ainda sobrevive no cotidiano das mulheres de algumas comunidades.

A canção foi livremente inspirada em "Sem Açúcar", de Chico Buarque e era minha intenção que um dia fosse ouvida por Maria Bethânia.

Quiçá um dia o seja...

André López

Quando ele passar por mim na rua
eu faço questão que me ignore
que me humilhe até que eu chore
e me rasgue e fique nua.

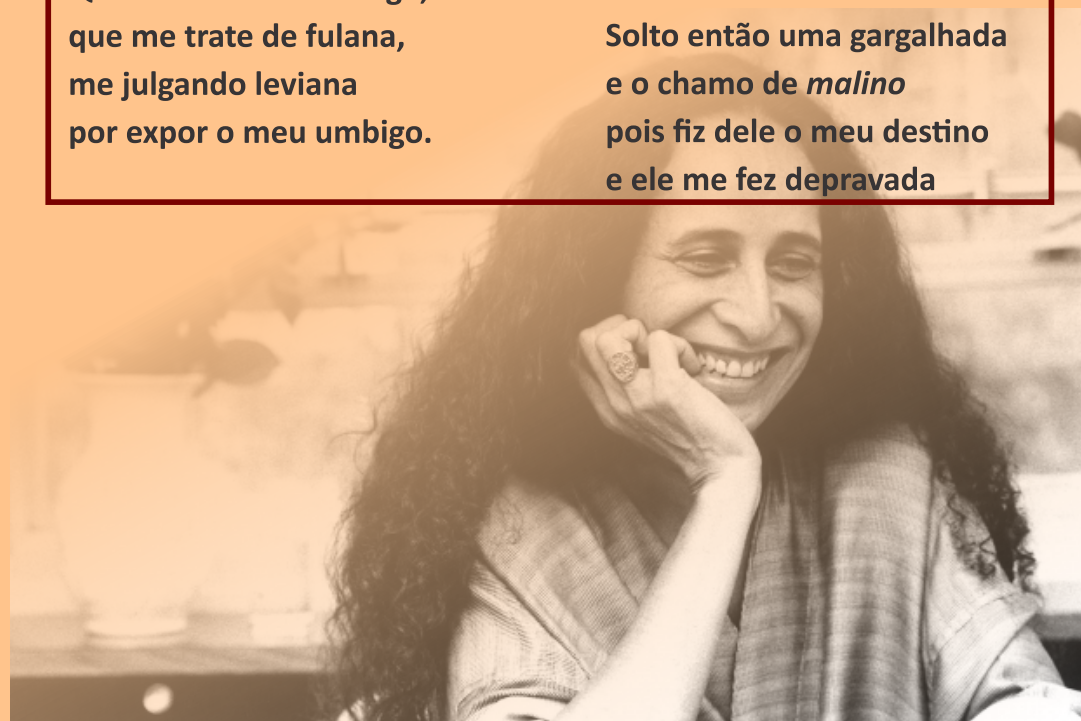
Quando ele olhar pra mim,
que o faça com desprezo
sem ficar sensual e teso
com meu cheiro de jasmim.

Quando ele falar comigo,
que me trate de fulana,
me julgando leviana
por expor o meu umbigo.

Quando ele se deitar
na minha cama,
só então me reconheça,
me torture e me enlouqueça
e me inunde de lama.

E eu então transbordo e grito
ele me morde na orelha
eu fujo e o deixo aflito
me olhando de esguelha.

Solto então uma gargalhada
e o chamo de *malino*
pois fiz dele o meu destino
e ele me fez depravada



Visão Geral, de Ruy Maurity, César Costa Filho e Ronaldo Monteiro de Souza - 1969

Gravada por Clara Nunes e pelo Quarteto 004.

Uma parceria de César Costa Filho, Ronaldo Monteiro de Souza e Ruy Maurity, foi classificada em 3º lugar no IV Festival Internacional da Canção Popular (TV Globo) em 1969 com o arranjo de Eumir Deodato.

Visão Geral, com uma bela letra e uma melodia em que o Quarteto 004 pôde mostrar um belíssimo vocal.

Bastante conhecida na época, essa linda canção parece não ser muito lembrada atualmente, mesmo que sua letra seja engajada nesses tempos social e politicamente tão cruéis.

Uma visão sobre a carreira da cantora, morta cedo demais.

Publicado no Jornal da Tarde, 4/4/1983. Texto de Sérgio Vaz

No começo de sua carreira em disco, Clara Nunes teve de lutar para não ser cantora de boleros. Conseguiu. Mas muito mais ainda ela lutaria, depois, para não ser considerada apenas "cantora de samba", "cantora de macumba", "cantora-candomblé".

Morreu sem que muita gente se tenha dado conta de que ela foi muito mais que isso.

Queria ser "uma cantora popular brasileira, podendo cantar de tudo"

– segundo ela mesma disse, em 1980.

Tudo, no caso, era aquilo em que ela acreditasse – e ela acreditava na música como

"uma aproximação com o povo, a música brasileira, a dança brasileira";

acreditava que sua força estava nas suas raízes populares e era para essas raízes que

ela procurava se voltar cada vez mais; acreditava que seu canto era "um dom

dado por Deus"; tinha "uma função social", e que, por isso, sua voz tinha que ser

usada para falar "do sentimento do povo, da problemática social, na linguagem do povo".

Cantou de tudo – cantou forró, coco, marcha-rancho, samba-canção, samba,

partido alto, maxixe, valsa, canção, baião, xaxado, congada.

Foi "uma cantora popular brasileira", como queria.

...



Ah! esse grito raro
É feito o sol tão claro
É um farol guiado
É um mito afugentado
É uma voz potente
O amor intransigente

Diga no meu ouvido
O tempo escondido
Que há tanto consente
Tanto esquecido

E digo de bom grado
o som tão esperado
É o amor do amigo
O amor desesperado

Se chegado vale a pena
A mão que hoje acena
Ficará comigo
A luz do amor serena
Se a vida reta empena
Leva a nossa meta
Acima o poeta
Abaixo o profeta

A rosa, a prosa, a bela
Vem na primavera
E o jornal da tela
Notícia a guerra

E uma cor que morre
É uma dor que corre
Um farol que se apaga
É um grito que se cala (bis)

A noite vira dia
No claro da luta
Veja se me escuta
Olha sua rua
Que a verdade nua e crua
Um dia vai chegar

E essa noite será noite
em qualquer luar
E esse mundo será mundo
Em qualquer lugar

Basta um Dia, de Francisco Buarque de Hollanda - 1970

Gravada por Bibi Ferreira, Clara Nunes, Virgínia Rosa, Mônica Salmaso, entre outros.

"Basta Um Dia" é uma das músicas da peça "Gota D'Água", composta por Chico Buarque. No espetáculo antológico, Bibi Ferreira entrou para a história com a personagem Joana. Também foi um dos destaques do disco "Clara", lançado por Clara Nunes em 1976.

“Olha a voz que me resta”

Para a presidência da República, o Colégio Eleitoral elege o general Ernesto Geisel como o quarto militar para o cargo, representando o grupo ilustrado como “Sorbonne Militar”, que tinha como proposta, explicitada em seu discurso de posse, a abertura “lenta, gradual e segura” do regime.

A tragédia Medeia, de Eurípedes, projetada para adaptação à tevê, foi escrita por Chico em parceria com Paulo Pontes em 1975, preservando o aspecto trágico da peça grega.

O musical Gota d'água, em forma de poema, com mais de quatro mil versos, relata as dificuldades financeiras urbanas.

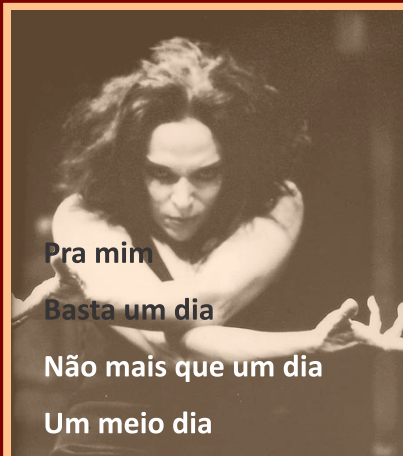
De acordo com Rabelo (1998), a presente peça pretende refletir sobre os movimentos sociais ao longo dos onze anos de ditadura militar, além da questão socioeconômica responsável pelas gigantescas perdas da maior parte da população do processo político nacional, e ainda, a questão cultural, em que a intelectualidade das camadas populares foi proibida de dialogar com o objeto cultural, transformado em produto industrial.

A reflexão, para Rabelo acerca de Gota d'água é a preocupação com os aspectos político, cultural e formal dessa sociedade que vivia, por onze anos, a ditadura militar.

A escassez de artistas ativos era cada vez mais evidente, a “figura” do povo passa a ser fonte intelectual. Gota d'água sugere a volta do povo brasileiro ao centro da cultura brasileira.

O cenário é o subúrbio do Rio de Janeiro em suas dificuldades habitacionais, aludindo ao fracasso do Sistema Financeiro da Habitação, o SFH, de meados dos anos 70.

A canção Basta um dia foi inicialmente composta para Calabar, mas devido à censura foi incluída em Gota d'água, que também estabelece harmonia com o drama. (RABELO, 1998)



Pra mim

Basta um dia

Não mais que um dia

Um meio dia

Me dá

Só um dia

E eu faço desatar

A minha fantasia

Só um

Belo dia

Pois se jura, se esconjura

Se ama e se tortura

Se tritura, se atura e se cura

A dor

Da orgia

Na luz do dia

É só

O que eu pedia

Um dia pra aplacar

Minha agonia

Toda a sangria

Todo o veneno

De um pequeno dia

Só um

Santo dia

Pois se beija, se maltrata

Se come e se mata

Se arremata, se acata e se trata

A dor

Da orgia

Na luz do dia

É só

O que eu pedia, viu

Um dia pra aplacar

Minha agonia

Toda a sangria

Todo o veneno

De um pequeno dia

Produção de Amoresmeus:

Alexandre S Machado

alexwork

design,management relationship

51 3134 6476 / 51 999 937 976

andrelopeztenor@gmail.com

